

Editorial

Este número encerra as publicações do ano de 2024 reunindo um conjunto de reflexões que, embora distintas em escopo e tradições conceituais, partilham uma inquietação comum, a de compreender como a filosofia continua a se articular com as exigências do tempo.

Em tempos marcados por transformações aceleradas e dilemas persistentes, os textos aqui apresentados não apenas propõem novas leituras do presente, como também revisitam matrizes teóricas fundantes com o cuidado de quem reconhece, na Filosofia, um gesto de leitura-escuta e elaboração do tempo.

Longe de buscar consensos apressados, estes textos se deixam atravessar por tensões, deslocamentos e contrapontos, compondo, assim, um conjunto que aposta na densidade do pensamento e na pluralidade das formas de interrogação como modos legítimos do pensar.

A abertura com o artigo “*Jean-Paul Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara e notas de uma homenagem a Fausto Castilho*”, do professor desta instituição, **Márcio Gímenes de Paula**, rememora um momento emblemático de inflexão entre tradição filosófica europeia e contexto intelectual latino-americano. A presença de Sartre no Brasil — mediada pela figura notável do professor Fausto Castilho — é retomada não apenas como acontecimento histórico, mas como cena crítica de reatualização das tensões entre existencialismo e marxismo, cujas reverberações permanecem significativas. A homenagem, aqui, não se limita ao registro do encontro, trata-se também de uma reativação de suas possibilidades filosóficas.

O segundo artigo desta edição, “*Mulheres-mercadorias: aproximações entre a teoria Marxista e Irigaray*”, assinado pela doutoranda **Yasmin Santos Abdel Qader**, desta instituição, propõe um confronto entre o materialismo histórico e a crítica feminista da linguagem, inaugurando uma cartografia conceitual inquietante. A analogia entre o estatuto da mulher e o da mercadoria na ordem patriarcal-capitalista é explorada não apenas

em sua dimensão simbólica, mas como sintoma de um impasse discursivo: a dificuldade da mulher de inscrever-se na ordem filosófica sem ser previamente capturada por ela. Trata-se, aqui, tanto de um exercício de desestabilização dos pressupostos do discurso patriarcal quanto do lugar da mulher nestas sociedades, por meio da teoria do valor de Marx.

Na sequência, o artigo “*Ainda a controvérsia acerca do autoritarismo em Hegel*”, de **Leonardo Correia Bastos**, egresso desta instituição, reabre, com rigor sistemático, o debate em torno da concepção hegeliana de Estado e de sua possível afinidade com modelos autoritários. Longe de ceder à caricatura, de leituras reducionistas, o texto realiza uma análise minuciosa da *Filosofia do Direito*, interrogando os fundamentos da normatividade estatal e os limites internos da liberdade dentro de uma racionalidade orgânica.

Por fim, encerrando a seção, **Ivan de Oliveira Vaz**, egresso da Universidade de São Paulo, com o artigo “*Exercício de dobradura: sobrepondo os vértices opostos da filosofia do conceito francesa e da teoria crítica frankfurtiana*” propõe um movimento especulativo ousado: aproximar duas tradições filosóficas que, à primeira vista, se colocam em regimes epistêmicos inconciliáveis. Ao reinscrever a epistemologia histórica francesa no campo da dialética, o autor sugere que os gestos de Bachelard, Canguilhem e Cavaillès, longe de se oporem à crítica, podem oferecer uma imagem renovada da racionalidade científica como prática conceitual histórica e insurgente.

A seção de **Resenhas** adensa o volume com uma análise comparativa entre Alain de Benoist e Patrick Deneen, pensadores centrais na crítica contemporânea ao liberalismo, cada qual representando inflexões distintas de um campo em expansão: o das direitas antiliberais. Ao iluminar as raízes filosóficas, as divergências internas e os desdobramentos políticos desse fenômeno, a resenha assinada por **Jóni Coelho**, egresso da Universidade do Porto, realiza um exercício crítico necessário: compreender, com sobriedade conceitual e atenção histórica, os sentidos e riscos implicados na ascensão de discursos que tensionam os fundamentos da democracia em escala global.

Encerrando o número, a seção de **Tradução** apresenta a versão em português do verbete “*L’explication de texte philosophique*”, de autoria de Danièle Cohn-Plouchart, publicado originalmente na *Encyclopédie Philosophique Universelle – L’univers philosophique*, sob a direção de André Jacob, em tradução de **Denilson Soares Cordeiro**, professor da Universidade Federal de São Paulo. Retomar a questão sobre o que significa explicar filosoficamente um texto é também revalorizar o ofício do pensamento — seu método, sua paciência crítica e seu compromisso com a clareza que não se confunde com simplificação.

A seção também inclui a tradução do discurso de distribuição dos prêmios no Liceu de Lorient, proferido em 1895 por Émile Chartier, conhecido pelo pseudônimo Alain. O texto intitulado de “*Pacto pela vida*”, vertido ao português por **Diule Fideles Souza da Silva, Jade Oliveira Chaia** e **Michelly Alves Teixeira**, doutoranda desta instituição, traz ao leitor e à leitora uma peça exemplar da filosofia escolar e do pensamento ético de Alain, marcada por um ideal de formação integral que articula liberdade, responsabilidade e cultivo interior. Em sua sobriedade e vigor retórico, o discurso reafirma a atualidade de um humanismo exigente, comprometido com a educação.

Este número, assim, não se apresenta apenas como uma reunião de temas ou autores e autoras, mas como uma tessitura. Uma dobra entre vozes, tradições e diagnósticos que, em sua justaposição crítica, ensaiam o que talvez seja o mais exigente e necessário dos gestos filosóficos: pensar de modo situado, com a história, contra seus automatismos e sob o risco de dizer algo que ainda não foi dito.

Boa leitura!

Jade Oliveira Chaia
Editora Associada

